

Navegando em *taxas muito baixas*

Neste novo cenário de taxa de juros reduzida, o investidor tem de esquecer a cultura do CDI. Não é fácil, a coisa era boa demais: investimento de alta performance, com liquidez diária e baixo risco, que subia em linha reta. Parece algo bom demais para existir, mas no Brasil existia e funcionou por muito tempo. As altas taxas da renda fixa deixaram os brasileiros mal-acostumados, o perfil de rentista predominou por décadas. Com o governo generoso pagando a conta para todos os investidores, não se fazia necessário conhecer e saber avaliar as demais classes de ativos.

Um sinal de mudança interessante é a quantidade de novos cadastros na BMF Bovespa e de novos investidores em fundos imobiliários, sem falar do volume recorde de aportes em fundos multimercados e ações. Muitos gestores fecharam os seus produtos em função da elevada captação. O efeito colateral deste cenário é que muitos investidores com perfil conservador estão sendo levados, sob a narrativa do “vamos diversificar a carteira e melhorar o retorno”, para produtos sobre os quais não têm a menor ideia dos fatores de riscos. Como o Brasil sempre alternou entre taxas altas e altíssimas

de juros, temos o grupo do “vai voltar tudo a ser como antes, aguardem”, são investidores que, por suas razões, não acreditam que podemos manter os juros baixos por muito tempo.

Considerando o cenário econômico global, em que U\$ 15 trilhões estão alocados em juros negativos pelo

Em função da Reforma da Previdência, o país vive um momento de otimismo com relação às contas públicas. O controle das despesas previdenciárias promove a solvência de longo prazo.

mundo, somado às reformas e novas diretrizes econômicas propostas pelo governo brasileiro (Ministério da Economia), não me parece a melhor decisão aguardar pelo pior. Obviamente, teremos ciclos de aperto monetário no futuro, mas parece improvável que a Selic volte ao antigo patamar alto de dois dígitos.



Tiago Novaes Villas-Bôas
Administrador de Carteira de Valores Mobiliários (CVM)

Em função da Reforma da Previdência, o país vive um momento de otimismo com relação às contas públicas. O controle das despesas previdenciárias promove a solvência de longo prazo, estacionando o patamar do déficit público e reduzindo o risco de *default* (não pagamento da dívida). Esta avaliação já se reflete na queda das taxas de juros e no CDS (indicador do risco Brasil).

Existe uma segunda derivada da Reforma da Previdência que será o incremento da poupança interna de longo prazo. Com a criação do Fundo de Pensão dos Funcionários Públicos Federais (FUNPRESP) em 2012, os novos servidores federais passaram a ter um novo modelo de previdência, no qual o regime próprio deu lugar ao regime de capitalização. O valor da aposentadoria passa a ser fruto do que o servidor conseguir poupar ao longo dos anos. Essa modalidade é forte estimuladora de contribuições e aportes extras, visto que a conta passa a ser individualizada e a responsabilidade recai so-

bre o participante.

Recentemente, os antigos servidores federais também tiveram a opção de migrar para o novo regime de capitalização, incrementando ainda mais o número de participantes. Com relação aos Estados e municípios, alguns já possuem os seus planos, os chamados RPPS, porém a maioria ainda não possui um regime de previdência organizado, devendo ser mais um vetor para a geração de poupança previdenciária.

No setor privado também é cada vez maior a busca por planos de previdência, visto que o INSS vem reduzindo o teto de cobertura. Os planos de PGBL e VGBL estão captando em níveis recorde e o regime fechado de previdência (fundos de pensão) já organiza a sua expansão e a conquista de novos participantes, através de iniciativas da ABRAPP.

Por fim, uma derradeira medida incentivadora de poupança previdenciária, ventilada recentemente pelo governo, seria a de se alterar o modelo do regime geral da previdência, para que os novos entrantes já façam adesão ao modelo de capitalização, com conta individualizada. Todos esses estímulos à previdência individual irão gerar bilhões em reservas adicionais por ano, que provavelmente farão deslocar o patamar da poupança interna do Brasil para algo muito superior ao que é hoje, talvez algo próximo ao do Chile (23% do PIB). Não por acaso, países com alto percentual de poupança tendem a ser macroeconomicamente estáveis. Quem sabe chega a nossa vez? ■



**NÃO ESQUENTE A CABEÇA.
NÓS TEMOS A SOLUÇÃO QUE VOCÊ PRECISA.**



A melhor opção em seguros da Bahia

Av. Professor Magalhães Neto, 1856, Edifício Tk Tower - salas
501 e 519, Pituba / Salvador - BA

(71) 3494 2423 / 3481 2671
contato@bahiaadviser.com.br
www.bahiaadviser.com.br